

A QUESTÃO DO TRABALHO NO ROMANCE CHÃO VERMELHO

Clarismar Gomes de Abreu
Universidade Federal de Goiás
Comunicação
Educação, trabalho e movimentos sociais

O presente trabalho analisará de que maneira a questão do Trabalho é desenvolvida no romance Chão Vermelho, escrito por Eli Brasiense e publicado em 1956. Acreditamos na literatura como lugar privilegiado para se captar a experiência vivida e sentida por homens e mulheres em determinado espaço-tempo. Assim, recorreremos ao romance Chão Vermelho, ambientado na nascente cidade de Goiânia, que nos permite, a partir de suas personagens e narrador, recuperarmos algumas das sensibilidades acerca da cidade e de como os viventes desta concebiam o Trabalho. Perceberemos que uma interpretação perpassa o romance, na qual o Trabalho é concebido como elemento intrínseco à vivência humana. Contudo, notamos que tal concepção sofre algumas intervenções prejudiciais à sua essência, advindas das relações instauradas pelo Capital. O olhar literário nos permite perceber a forma que os viventes naquele momento lidaram com as contradições presentes na relação Capital-Trabalho.

Palavras-chave: Trabalho; Chão Vermelho; História

Alguns temas que permeiam a escrita do Romance Chão Vermelho, de Eli Brasiense, merecem nossa atenção, por serem temas fortes nos trabalhos de Eli Brasiense. No romance Chão Vermelho é perceptível a presença de uma atmosfera capitalista na cidade de Goiânia, de forma tal que em alguns momentos possibilita interpretarmos que vida e mercadoria se fundem numa existência sustentada por essa questão. Trataremos a seguir da forma que o romance aborda a questão do trabalho. Acreditamos que abordar tal questão seja de fundamental importância para compreensão da obra referenciada e do autor em questão.

O trecho que citamos a seguir ilustra um caminho trilhado em todo o romance:

- Morra o bucho e viva o luxo!
 - O exibicionismo está matando o aproveitamento na maioria de nossas escolas.
 - É melhor a gente começar de baixo. Fui engraxate, você sabe. Você veio da lavoura e está progredindo. Muitos começam do alto...
 - E terminam como frutos que apodrecem antes de amadurecer.
- (BRASILIANSE, 2002: 124)

Notamos uma crítica à ostentação de um luxo que não passa de nada mais que luxo, ou seja, superfluidades. Demonstra também a crítica a uma sociedade onde tal concepção de ostentação é valorada. Afinal, a existência de pessoas que desejam exibir seus luxos só existe numa sociedade onde tal elemento é aceito e convencionado. Notamos que não é uma convenção que abrange a todos. Primeiro, porque nem a todas as pessoas sobra dinheiro para gastarem com coisas supérfluas além de suas necessidades materiais básicas, sendo que muitas vezes, nem estas são atendidas. Porém, segundo ressoa na crítica de Toninho, existiam pessoas que preferiam molestar seu próprio bucho em troca de uma massagem no ego. Isso alcança dimensões políticas

onde governantes despendem gastos com tal luxo e exibicionismo deixando de destinar gastos com necessidades consideradas mais fundamentais, tais como educação.

Observamos também a valorização do trabalho próprio e a luta para vencer dia a dia as dificuldades, a fim de alcançar um sucesso visualizado. Similar a uma epopéia da vida humana, desejado e intentado por Toninho, onde o apogeu seria ser um médico, bem como, ser um cidadão de valor. Para isso precisa se dedicar e alcançar espaço para crescer tal qual uma árvore, iniciando com raízes que sustentarão adiante seu caule, galhos, folhas e frutos, para que não seja um fruto que não sabe como chegou a ser um fruto, sabendo apenas ser um fruto. Nesse sentido, o verdadeiro valor humano estaria na labuta e não numa sustentação em árvores que não são suas entranhas. E mais que isso. É ser um fruto proveitoso que por ter uma sustentação, não se apodrece.

Está presente também um olhar desconfiado para aqueles que não eram queimados pelo sol enquanto trabalhavam, tal qual o olhar desconfiado de Joviano sobre Joaquim:

Em São Paulo nunca havia sol para queimar a pele de gente que trabalhava? Os olhos de Taquari corriam água por causa de danoção ou era manha de vigarista? (BRASILIENSE, 2002: 136)

Joaquim, vindo de São Paulo, com dinheiro no bolso, mas com um mistério sobre seu passado que começava a se revelar naquele momento:

O outro baixou a cabeça e a voz lhe veio sem força.

- Eu tava pedindo esmola, Jove.

- Joaquim?!

- Esmoreci por lá, não tava dando conta nem da bóia.

Fui pro Viaduto do Chá fingindo de aleijado. Ali passa muita gente. Depois das cinco hora é formigueiro e ninguém repara nada. Quem tem miúdo vai dando sem olhar a cara de quem pede. (BRASILIENSE, 2002: 139)

Joaquim sabia estar fazendo algo errado ao juízo de Joviano, já se redimia perante o amigo. Abaixou a cabeça antes de dizer, pois faltava coragem para olhar nos olhos de Joviano. É a entrega aos outros do suprimento de suas necessidades que não são apenas as básicas, notada no clamor insaciável para que Joviano antes disso lhe comprasse uma cachaça para beber, e após essa outra. A atitude revelada por Joaquim é condenada aos olhos de Joviano e sua família. É fingir de aleijado e se perder no meio da multidão de São Paulo. Uma multidão que não se olha, não se assunta, não se observa e não se reflete, desconhecem aquilo que Joviano faz em diversos momentos, não refletem sobre o que passa ao redor. As pessoas que passam e jogam seus miúdos para Joaquim se sentem benevolentes, fingem serem pessoas condolentes e preocupadas com o próximo, que em verdade não vale mais que uns miúdos jogados nem mesmo acompanhados de um olhar atento. Essas pessoas fingiam serem pessoas preocupadas. Joaquim fingia ser aleijado. Cada qual com seus fingimentos.

- Queria que tu guardasse o dinheiro pra mim.

- Não pego nesse cobre, Joaquim. Aqui em casa ninguém pega. Pode tocar fogo nele se quiser. Vem pra cá, traz Xandoca, aqui tem muito serviço. Agasalho a gente arruma pra tu trabalhar.

- Esse mundo tá podre, Jove.

- Tu foi quem apodreceu. Dá valor na tua pessoa, Joaquim. Malandro é traste.

- Acho que não tem mais esperança pra gente pobre não, Jove.

- Tem muita esperança, Joaquim. Esperança é o que não falta. (...)

- Me perdoe, comadre!

- Deixa de choradeira, homem! Tu virou um merda. Traz Xandoca pra cá, aqui tem trabalho pra gente que preste.
 - A culpa foi de minha pobreza, comadre.
 - Malandragem, Joaquim.
- Ela falava séria, um ar de repreensão no rosto. Joviano pegou a mão mole que Joaquim lhe apresentou, em silêncio, e acompanhou-o até a porta. Depois que o vulto dele sumiu-se na madrugada fria Joviano desabafou, com uma cusparada no meio da Rua.
- Traste! (BRASILIENSE, 2002: 140)

No início do encontro de Joaquim e Joviano, o trato de Joviano para com Joaquim se confundia entre Taquari, Quincas ou Joaquim. Neste momento não havia mais dúvidas, aquele homem ali presente não era mais Taquari ou Quincas, não passava de Joaquim, portador de um dinheiro impuro. Mesmo assim a família de Joviano se propõe a ajudá-lo se restabelecer na dinâmica correta do viver, qual seja trabalhar, encontrar um serviço. Afinal, na cidade *não faltava trabalho pra gente que preste*. Joaquim condena o mundo por tê-lo conduzido a essa situação de entrega ao fingimento, dizendo haver se igualado ao mundo. Um mundo podre. O *Aqui tem muito serviço*, talvez soe como um resquício de esperança de haver um lugar onde não tenha penetrado essa podridão humana. Afirmada após a desistência de Joaquim de haver esperança: *Tem muita esperança, Joaquim. Esperança é o que não falta*. Joaquim condena como também sendo a razão de seu estado a sua situação de pobreza. A insistência nessa crença encontra com destino o adeus, o até nunca mais. Aquela casa era um lugar do trabalho. Pessoas que não se inseriam nesse pensamento não cabiam ali. Assim Joviano conduz seu amigo, que definitivamente não existia mais, senão em sua memória de tempos outros, para a rua. Não passava agora de um traste, tal como a podridão humana. O mundo podia ser podre e Joaquim estava do lado de lá dessa podridão, e não do lado de cá, onde havia ainda uma esperança no humano. Humano sustentado pelo trabalho. Após a Saída de Joaquim, as reflexões de Joviano se achegam:

Uma noite perdida? Não, de muito proveito. Joaquim lhe viera trazer a certeza de que o trabalho era abençoado. Malandragem sempre dava naquela tristeza, uma agonia sem jeito, quando não abria atalhos para a cadeia. Juventino? Que esperasse o giro do mundo. Ele e mais outros traficantes que queriam ser donos da cidade, como galos em terreiro pequeno. Dinheiro mal ganho, juro de mais de vinte por cento, ladroeira grossa. Nada como o giro do mundo. Casa ia para hipoteca, roupa bonita virava trapo, sapato lustroso virava tareco. Até carro de muito luxo ficava feito ferrugem. Sobrava o homem. Juventino era homem? Companheiro de Joaquim, finório metido na sociedade, dando bicadas de urubu em inventários para arrastar terra de grilo para as suas posses. Sancho era velho e doente, mas um homem. Trabalhava, não pedia esmolos. Quando não podia estar no serviço pedia dinheiro emprestado e pagava tudo direitinho. Tinha gosto pela vida, pelo trabalho, apreciava espalhar alegria, falava acertado. Juventino era calado mas o diabo cochichava nos ouvidos dele para fazer ruindade. Deveria achar muita graça nos seus divertimentos de juro, nas suas façanhas de comprar ganhame de funcionário. Joca também era traste. Sócio de vigarista de romaria, marreteiro de farda. Ferreira era ouro fino, mesmo que não fosse seu genro. Um traste como Juventino deveria lavar a boca para falar no nome de ferreira. (BRASILIENSE, 2002: 141)

Tal como seus constantes exercícios de recorrerem ao passado para afirmar atitudes ou situações no presente, novamente aquele fato que ocorre no presente da narrativa certamente seria incorporado às experiências formadoras da identidade de Joviano. Afinal, como bem reconheceu, fora um encontro *de muito proveito*. Essa

experiência serviu para afirmar um pensamento já internalizado por Joviano, qual seja a importância do trabalho, daí a *certeza de que o trabalho era abençoado*. Joaquim se tornara um malandro, um traste, tal qual Juventino. Ambos receberiam as contas do *giro do mundo*. Infere-se que se o trabalho é abençoado, seu contrário pode ser visto como condenação. Afinal, remete a imagem do diabo como que assoprando aos ouvidos de Juventino e se gabando em ver as atitudes deste. Bastava aguardar que o mundo trataria de lidar com essa atitude que fugia a realidade humana:

Gente espertalhona era como foguete de rabo, muito barulho na subida mas não ia longe e nem sempre deixava vintém para netos. (BRASILIANSE, 2002: 142)

Joviano fala sobre Juventino. A proximidade dos nomes pode soar como antônimos. Como bem é traçado na narrativa estabelecendo comparações entre esse tipo ideal de homem com os tipos condenáveis. Coloca em paralelo de um lado Joviano, Sancho e Ferreira e do outro, pessoas como Juventino, Joaquim e Joca. Nesse momento os juízos de valor sobre Juventino ajudam a conhecer um tipo social corroborado nas memórias da cidade de Goiânia em seus anos iniciais. Compravam salários de operários cobrando juros de até vinte por cento. Trata-se da prática de agiotagem na cidade e muita dessa agiotagem recaía sobre os operários da construção civil. Os salários não eram pagos imediatamente, mas eram entregues compromissos de pagamento pelo serviço, sendo que o pagamento efetivo era programado para em até três meses depois de sua emissão, chamados por vales. Como as necessidades dos trabalhadores não podiam aguardar, muitos deles vendiam tais compromissos de pagamento e pagavam os juros cobrados por tal empréstimo. Ou seja, isso implicava num ganho exacerbado pelos agiotas e em contrapartida os trabalhadores teriam seus ganhos reduzidos. Quer dizer, não bastasse os trabalhadores passarem por uma exploração por parte de seus patrões, ainda, dada as necessidades de atender seu bucho, se submetiam a exploração de outra figura. Figura essa expressa nos agiotas, e personificada na pessoa de Juventino. Tais quais os urubus se assentavam sobre os resquícios do humano. Quanto ao sistema de vales, assim Bernardes explica-os:

O sistema de vales também denominado autorizações de pagamentos, pode ser definido como uma espécie de dinheiro com que o estado pagava aos trabalhadores e que circulava na cidade (e em Campinas) sendo recebido pelos comerciantes com desconto de 20, 30 e até 40 por cento, devendo depois ser resgatados pela Diretoria da Fazenda Estadual. Este provavelmente constitui uma das mais eficientes formas de expropriação do trabalhador nesta época, uma vez que passou a funcionar como um tipo de moeda paralela à moeda oficial, com um alto grau de liquidez no mercado, pois esses eram descontados (os vales) junto aos comerciantes e agiotas particulares imediatamente após ao recebimento. (BERNARDES, 1989: 101)

O narrador exterioriza a valorização que Joviano tem do trabalho e a forma que o encara:

Sua religião era o trabalho, onde a velhacaria era o pecado maior. Considerava o trabalho uma espécie de escada de Jacó por onde chegaria aos pés de Deus. (BRASILIANSE, 2002: 210)

É essa a síntese que percorre todo o romance. O trabalho é uma atividade intrínseca ao homem, e desempenhar essa atividade é o caminho para alcançar a plenitude divina aos pés de Deus. As construções feitas pelos operários e habitadas por

outrem são tomadas por Brasiliense como epígrafe do romance, apresentando a partir de uma citação bíblica um tema que será posto em contradição em todo correr do romance:

“E edificarão casas e as habitarão; e plantarão vinhas, e comerão o seu fruto. Não edificarão para que outros habitem; não plantarão para que outros comam. O deserto e os lugares secos se alegrarão; e o ermo exultará e florescerá como a rosa.” Isaias. (BRASILIANSE, 2002: 41)

Essa citação gera uma contradição em muitas partes do romance. Apesar do reconhecimento da importância do trabalho que em alguns momentos é tido como uma dádiva e uma dignificação humana. Ao passo que este trabalho serviria para si, diferentemente dos gritos do menino vendedor de pirulito que grita já na primeira página do romance. O livro revela nesse sentido uma oposição aos preceitos postos pelo livro sagrado. O romance trata da exploração do trabalho humano. Acreditamos na intencionalidade da epígrafe, especialmente ao levar em conta a trajetória do autor do romance. Intencionalidade similar pode ser observada em outros romances do mesmo autor e que tratarão do sertão onde,

Os personagens representam um conjunto de significados, dos quais Eli Brasiliense se vale para abordar os problemas existenciais do homem, o absurdo e o vazio da existência humana, sob o jugo de uma sociedade injusta, dominada por interesses de uma minoria, que imperava na região do norte goiano no início do século XX. (PEREIRA, 2002: 9)

Da mesma forma, em *Chão Vermelho*, que metaforicamente poderia soar como um chão colorido com a cor do suor daqueles que trabalham como operários na construção da cidade. Apesar de que, não seria essa a intenção do autor, como revela em entrevista: “*Até escrevi um livro que dá a situação de Goiânia nos primeiros tempos. O título é Chão Vermelho, porque aqui o terreno é vermelho*” (BRASILIANSE, 2002: 17). Mas ao correr do livro não deixa de ser possível promover essa associação da cor com a exploração dos trabalhadores na construção da cidade.

O trabalho é inerente ao homem, pois assim é o desejo de Deus, assim devem agir os homens, devendo erguer para si as construções. Entretanto, esse trabalho não deve se direcionar ao luxo ou a desnecessariedades. Tal exemplo se mostra na condenação e castigo divino aos homens que tentaram alcançar Deus e construir, com seu trabalho, uma torre que pudesse alcançar aos céus e alcançar o seu criador, para satisfação de seu ego. Desta forma, o trabalho era componente humano, mas o seu desvirtuamento, seja na exploração do outro, ou mergulhar num banho de ostentação do ego, seria querer fugir aos preceitos divinos tal qual aqueles que construíam babel.

Essa contradição percorre todo o romance. Não há uma condenação ao trabalho conforme pudemos observar. Entretanto, o autor permeia a narrativa com momentos onde traz ao leitor essa problemática do humano explorado, ou super-explorado. Ou seja, o problema não está no ato de trabalhar e sim na forma que tal trabalho é encarado e de que forma esse trabalho é direcionado num mundo coisificado.

O oposto de Joaquim, que não quis se entregar a esperança possível existente na cidade e expressa no trabalho possível, nos é apresentado a partir de Marcelo que após se recuperar dos machucados adquiridos na sua expulsão de suas terras se entrega ao trabalho na cidade:

Marcelo, depois de ficar bom, encontrou apoio no machado e na enxada. Desde menino eram seus instrumentos de trabalho, manejava-os com satisfação. Capinava quintais, rachava lenha, tinha uma diária que lhe

garantia o aluguel de uma choça no bairro e sustento para a família. O casebre pertencia a um homem engravatado, morador no centro. Agora já não era mais um molambo na casa do compadre, sentia-se forte, disposto para o trabalho. (BRASILIENSE, 2002: 166)

Marcelo agora se sentia digno, pois trabalhava e não dependia mais de outros. Agora os outros que dependiam de sua força de trabalho e em contrapartida lhe pagavam por suas atividades que lhe garantia sustento para sua família e aluguel de uma choça, logo se infere as condições físicas dessa choça. Era uma sobrevivência. Atividades essas numa posição subalterna. Independente da colocação, o fato é a louvação ao fato de se dignificar ao se entregar ao trabalho.

Joviano queria que seu filho Toninho se tornasse um cidadão de valor que estudasse e fugisse dessas colocações subalternas. Entretanto, o romance permite inferir que para isso era preciso ultrapassar as fronteiras da cidade que não davam condições de isso acontecer:

- No ano que vem vou pro Rio fazer o vestibular de medicina, se Deus quiser.
- Dinheiro pra tua passagem ta na Caixa Econômica. Tem também pra uns tempo de gasto até tu firmar o pé por lá. Tu é quem escolhe o lugar.
(BRASILIENSE, 2002: 145)

Alfredo fora para além das fronteiras da cidade a fim de alcançar um sucesso na vida. Havia se formado em Técnico de aparelhos elétricos em Goiânia. Uma contradição expressa na cidade que ao formar estudantes nessa qualificação de aparelhos elétricos, mas que a falta dessa energia é uma constante. Alfredo se estabelece em São Paulo, e de lá manda uma carta para Toninho. Carta que também serve de paralelo as supostas verdades generalizantes de Joaquim que anunciavam uma podridão na cidade de São Paulo.

Não concordo com os ingleses, quando dizem que tempo é dinheiro. Não. Para mim tempo é sabedoria, porque as horas que dedicamos ao trabalho são pura rotina, obrigação imposta pelo estômago. Os momentos que roubamos das diversões, bobas (falo das futilidades em que se chafurdam os ricos), empregando-os na aquisição de novos conhecimentos, significam sabedoria. (...) Há quase dois anos trabalho numa fábrica de aparelhos elétricos, ganho o suficiente para me manter e estudar. (...) Já fiz o primeiro científico e emboquei no segundo, agarrado nos livros à noite, porque durante o dia é a fábrica, monstro que precisa do tempo de que falam os ingleses. (...) Estou muito satisfeito agora. Leio muito e bons autores. (...) A noite é uma grande amiga do operário que estuda, meu velho. Para o farrista, os milionários que perdem o que roubam, pelos cassinos e boates, para os malfeitores, a noite é uma espécie de tirana. Essa gente é escrava da noite. Aqueles que estudam e investigam estão construindo as “mais bonitas” auroras para o amanhã.
(BRASILIENSE, 2002: 207-208)

É uma grande exclamação sobre sua percepção do trabalho e mais que isso, sobre os ares respirados por Alfredo. Ao falar dos ingleses podemos associar ao mundo capitalista que teve seu auge com as revoluções industriais, partindo em princípio da Inglaterra. De pronto coloca-se no debate em torno da visão capitalista de que tempo é dinheiro. Não concorda. Existem coisas melhores para se ocupar o tempo. É enfático: tempo é sabedoria. O trabalho é uma rotina, tal qual o filme de Carlitos – já perceptível como gosto particular de Eli Brasiliense – onde os parafusos carecem serem apertados incessantemente gerando um condicionamento a tais parafusos. A razão de algo não desejado mas feito são as necessidades do estômago que não podem ser

supridas pela sabedoria. Critica as futilidades bobas donde os ricos despendem seu tempo. Gastando o dinheiro que ganharam, aliás, que outros lhe renderam em seus bolsos abertos para receberem a mais valia dos trabalhadores. São como a fábrica vista como *o monstro que precisa do tempo de que falam os ingleses*. Em verdade quem precisa de tempo é esse monstro devorador. Infelizmente os trabalhadores, tais quais Alfredo precisam saciar seu estômago, entretanto não possuem os meios de saciá-lo e precisam subordinar-se a quem possuem estes. São os monstros chamados por Indústrias, controladas pelos milionários que assim fazem sua fortuna. Acreditamos que trata de uma reflexão sobre a exploração capitalista do trabalhador sugando-lhe sua mais valia.

Para Alfredo existe um futuro melhor possível que está na leitura e na sabedoria. Tem lido grandes autores. Segundo ele, *Aqueles que estudam e investigam estão construindo as “mais bonitas” auroras para o amanhã*. O presente está dado e colocado e não pode ser mudado, mas o futuro, o amanhã, pode ser mudado. Uma nova aurora, mais bonita, certamente um lugar onde essa subordinação ao tempo do monstro criado pelos ingleses seja derrubada. Mas para que isso aconteça é preciso o estudo, a leitura, ou quem sabe, uma conscientização do operariado. Termina enviando uma poesia escrita por sua namorada:

OS DONOS DO FUTURO

Os homens que enforcaram Tiradentes
Também mataram Julius Fuchik,
O padre miguelinho
E outros amados heróis do povo.
Pensavam que a sombra da força
Pudesse escurecer o futuro
As trevas são eternas
Sobre a memória dos tiranos. As mais bonitas auroras,
Milhões de estrelas novas,
Iluminarão os caminhos certos
Dos heróis forjados na luta
E donos do futuro. (BRASILIENSE, 2002: 209-209)

O poema traz exemplos de pessoas que lutaram por seus ideais, e que foram odiadas por alguns, mas amadas pelo povo. A força não interrompeu o futuro que desejavam. O poema fala de uma luta que trará um futuro melhor para aqueles que acreditam numa nova aurora e estão empenhados na luta que os fará donos do futuro. Depois de ler a carta e o poema, Toninho *dobrou a carta com o papel da poesia, colocou-os na caderneta de estudante e foi respirar ar puro no quintal*. A leitura do poema e da carta de Alfreda foi sufocante. Precisava respirar melhor.

A visão de Alfredo acerca do trabalho também pode ser vista como uma percepção de uma construção feita pelos capitalistas e que Bauman define por *ética do trabalho*, que seria uma norma de vida com duas premissas e duas presunções. A primeira premissa seria que o trabalho se estabelece a partir de uma relação de troca, onde um dos lados dá o seu trabalho para receber por ele, *quid pro quo*, ou seja, algo por algo. A segunda premissa afirma o seguinte:

que es necio y moralmente dañino, conformarse con lo ya conseguido y quedarse con menos en lugar de buscar más; que es absurdo e irracional dejar de esforzarse después de haber alcanzado la satisfacción; que no es decoroso descansar, salvo para reunir fuerzas y seguir trabajando. Dicho de otro modo: trabajar es un valor en sí mismo, una actividade noble y jerarquizadora (...).hay que seguir trabajando aunque no se vea qué cosa que no se tenga

podrá aportarnos el trabajo, y aunque eso no lo necesitamos para nada. Trabajar es bueno; no hacerlo es malo.¹ (BAUMAN, 1999: 17)

A primeira presunção seria que o trabalho é estado normal das pessoas, e que não trabalhar é anormal. E a segunda presunção seria que o trabalho carrega um valor moral em torno dele. Isso sustentaria a ética do trabalho que foi criado através do empenho daqueles que desejavam que seus empregados pensassem de tal forma para que pudessem servi-los. Nota-se assim que a ética do trabalho apesar de percebida como norma, não é uma norma para aqueles que a estabeleceram, ou seja, enquanto os trabalhadores são absorvidos pela fábrica, os endinheirados gastam desregradamente suas fortunas.

No final do romance uma série de acontecimentos abruptos mostram a morte daquela que era esteio da personagem central do romance: Dona Fia. O último parágrafo do romance é uma reflexão sobre a cidade e sobre si.

Joviano continuou a olhar a cidade. Era como mulher infiel entregando-se a trastes como Juventino, expulsando gente pobre de seu chão vermelho transformado em outro. No princípio era apenas o chão vermelho, terra à-toa para procissões de saúvas e armações de cupins. Agora era reboliço de muito povo. Lugar de maquinações de traficantes, cidade grande. Mesmo assim não a abandonaria nunca. Tinha muito de seu braço, possuía grande parte da coragem da esposa que se fora. Amada infiel, mas sempre amada. Os homens deveria ser como Ferreira, com Sancho, como o carroceiro Manoel e muitos outros que não eram trastes. Amavam a vida e o seu trabalho, não se deixavam vencer pelo desespero. Nem santos nem heróis, apenas homens. (BRASILIENSE, 2002: 275)

As utopias são utopias. Por isso acreditamos que a cidade apesar de pensada como uma bela mulher para casar-se com um projeto político arquitetado para traduzi-la em aspectos materiais e sociais expressos pelas ideias de moderno e progresso, esta mulher não seguiu tal preceito. Seguiu outros caminhos. Perdera sua pureza. São imagens que não se associam. Quero dizer, a imagem da mulher ideal planejada não se corrompeu por si só, mas sim pelos mesmos que a pintaram como um lugar onde alienígenas não caberiam. Ao mesmo tempo as reflexões de Joviano condenam a cidade pela presença e aceitação da existência de pessoas como Juventino, oposição ao seu pensamento de tipo ideal de homem. Apesar de reconhecer que realmente a cidade que talvez pudesse um dia ser ideal aos seus anseios e seguirem seus ideais não mais existia, foi reconhecer que ela morreu, tal qual sua esposa. Não havia volta para aquele acontecido. Antes era o nada. Agora é o que é. Ainda assim, não a abandonaria nunca. Diferentemente da cidade que é infiel, ele não é. Apesar da cidade não ser sua apenas, e sim de toda uma sorte de pessoas. Uma multiplicidade que compõe esse espaço urbano. Composto por pessoas quem não eram trastes, tais como Ferreira, Sancho, o carroceiro Manoel e o próprio Joviano, bem como por outros que eram trastes. E que a cidade aceitava que vivessem consigo tal qual os outros. Mas para Joviano, esses que não são trastes, não são heróis porque não são diferentes de uma média que seria um tipo ideal. São apenas homens. Homens que não são perfeitos.

¹ que é estúpido e moralmente prejudicial, se conformar com o já conseguido e ficar com menos no lugar de buscar mais; que é absurdo e irracional deixar de esforçar-se depois de haver alcançado a satisfação; que não é decoroso descansar, salvo para reunir forças e seguir trabalhando. Dito de outro modo: trabalhar é um valor em si mesmo, uma atividade nobre e hierarquizadora. (...)tem que continuar trabalhando ainda que nem imagine que coisa que não possua poderá nos contribuir o trabalho, ainda que não necessitemos dele para nada. Trabalhar é bom; não fazê-lo é ruim. (tradução livre)

Sofrem vacilações, abalos e toda sorte de incertezas que cada manhã pode revelar, mas não deixam de ser homens. Componentes da cidade. Sejam aqueles que derramaram seu suor vermelho sobre o chão, sejam aqueles que apenas observaram tal suor escorrer ou causadores desse suor.

Apesar de falar que não existe um sobressalto que faz desses homens heróis como bem fala Joviano. Não deixam de serem heróis. A narrativa de Eli Brasiliense possui como característica a construção de heróis e tipos ideais. Desta forma, a narrativa cria a imagem de heróis. Mas ele não reforça que não trata de herói, mas sim de uma possibilidade de um mundo melhor onde os homens não precisem mais serem heróis e que basta serem homens. Porém para que isso seja possível e deixe de ser necessário tal heroísmo, é preciso tomar o lugar dos heróis do passado escrito nos versos enviados por Alfredo. Contudo, Joviano não pensa em mudar a cidade, apenas demonstra e aponta seus miomas destruidores.

O grito soado no silêncio da narrativa de Chão Vermelho faz um convite ao leitor: olhe a cidade, perceba essas contradições que a rondam, percebam e assumem a cidade. Assim tentamos fazer nesse trabalho, não acreditamos e nem intentávamos encerrar os debates em torno do romance, mas esperamos, tal qual o romance, que tenhamos ampliado o convite de Brasiliense, para que as pessoas olhem para a cidade a fim de não apenas contemplá-la, mas de assuntá-la e quem sabe assim encontrar uma nova aurora.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Cristiane Roque de. **História e Sociedade em Bernardo Élis**: uma abordagem sociológica de O Tronco. Goiânia: UFG. 2003 (dissertação de mestrado)

ALMEIDA, Nelly Alves de. **Estudos Sobre Quatro Regionalistas**. Goiânia: UFG. 1968.

_____. **Presença Literária de Eli Brasiliense**: estudo crítico-histórico-biográfico : seleção de textos : notas explicativas. Goiânia: UCG, 1985.

ARRAIS, Cristiano Pereira Alencar. **Identidade e cidades de fronteira, um estudo sobre a construção de Goiânia a partir do conceito de momento de fronteira**. Goiânia: UFG. 2003. (dissertação de mestrado)

_____. **Projeções urbanas** - Um Estudo sobre as Formas de Representação e Mobilização do Tempo na Construção de Belo Horizonte, Goiânia e Brasília. Belo Horizonte: UFMG. 2008. (tese de doutorado).

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e ambivalência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1999.

_____. **Trabajo, Consumismo y nuevos pobres**. Barcelona: editora Gedisa. 1999.

BERNARDES, Genilda D'Arc. **Construtores de Goiânia**: O cotidiano no mundo do trabalho. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 1989. (dissertação de mestrado)

BOTELHO, Tarcisio Rodrigues. **Goiânia**: cidade pensada. Goiânia: Ed. da UFG, 2002.

BRASILIANSE, Eli. **Chão vermelho**. Goiânia: IGL, AGEPEL. 2002. (Coleção Karajá)

CAMPOS, Itaney Francisco. **Notícias históricas do bairro de campinas**. Goiânia: Prefeitura de Goiânia. 1985.

CHAUL, Nasr N. Fayad. **A construção de Goiânia e a transferência da capital**. Goiânia : UFG, Centro Editorial e Gráfico. 1988. (Documentos goianos; ; n.17).

_____. **Caminhos de Goiás**: da construção da decadência aos limites da modernidade. Goiânia. Ed. da UFG. 1997.

- CRUZ, Claudio. **Literatura e cidade moderna**: Porto Alegre 1935. Porto Alegre: EDIPUCRS / IEL. 1994.
- ENGELS, Friedrich. **O Papel do Trabalho na Transformação do Macaco em Homem**. São Paulo: Global editora. 1982.
- FREITAS, Lena Castello Branco Ferreira de. **Saúde e doenças em Goiás**: a medicina possível: uma contribuição para a história da medicina em Goiás. Goiânia: Editora da UFG. 1999.
- GONÇALVES, Alexandre Ribeiro. **Goiânia**: uma modernidade possível. Brasília: Ministério da Integração Nacional: UFG. 2002. (Coleção Centro-Oeste de Estudos e Pesquisas)
- JARY, Marcus. **Futebol, Sociabilidade e Psicologia de Massas**: Ritos, Símbolos e Violência Nas Ruas De Goiânia. Pensar a Prática 10/1: 99-115, jan./jun. 2007
- MACHADO, Lacy Guaraciaba. **O Narrador em Eli Brasiliense**: uma voz entocaiada. Goiânia: UFG. 1989. (Dissertação de Mestrado)
- MARX, Karl. **O Capital**. São Paulo: Editora Nova Cultural. 1996.
- MARTINS, J. de Souza. **Fronteira**. A degradação do outro no confins do humano, São Paulo: Hucitec, 1997.
- MATOS, Maria Izilda Santos de. **Cotidiano e cultura**: história, cidade e trabalho. Bauru: EDUSC. 2002.
- MONTEIRO, Ofélia Sócrates do Nascimento. **Como nasceu Goiânia**. São Paulo: REVISTA DOS TRIBUNAIS. 1938.
- OLIVEIRA, Eliezer Cardoso de. **Imagens e mudança cultural em Goiânia**. Dissertação de Mestrado UFG. 1999.
- PEREIRA, Isabel Cristina Auler. **“Corpo Fechado”**: símbolo de resistência no sertão em pium e uma sombra no fundo do rio de Eli Brasiliense. Brasília: UNB. 2002. (Dissertação de Mestrado).
- PESAVENTO, Sandra Jatthy **Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias**. Revista Brasileira de História, 2007, vol.27, n. 53
- _____. **O Imaginário da cidade**: visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Porto Alegre: Ed. UFRGS. 2002.
- PREFEITURA DE GOIANIA. **Memória cultural**; ensaios da historia de um povo. Goiânia: Editora e gráfica ipiranga. 1985.
- REVISTA OESTE**. Goiânia, 1983 (Ed. fac-similiar)
- RIBEIRO, Maria Eliana Jubé. **Goiânia**: os planos, a cidade e o sistema de áreas verdes. Ed. da UCG, 2004.
- RUSEN, Jorn. **Razão histórica**: teoria da historia: fundamentos da ciência histórica. Brasília: Ed. UnB, 2001.
- SABINO JR, Oscar. **Goiânia documentada**. São Paulo: EDIGRAF. 1960.
- SAGLIO-YATZIMIRSKY, Marie-Caroline. **A comida dos favelados**. In Estudos Avançados. 2006, vol.20, n.58, pp. 123-132.
- SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como Missão**: tensões sociais e criação cultural na primeira república. São Paulo: Brasiliense. 1999.
- _____. **Orfeu extático na metrópole**: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: companhia das letras. 1992.
- UNES, Wolney. **Identidade art decó de Goiânia**. São Paulo: ateliê editorial; Goiânia: editora da UFG. 2001.
- WIEDERHECKER, Clyce Louise; CHAVES, Elza Guedes; PEREIRA, Luís Araújo Pereira. **Memória social de trabalhadores da construção de Goiânia**. Cadernos. Nº 02 V. 1. Goiânia: 1987.

WILLIAMS, Raymond. **O Campo e a cidade**: na história e na literatura. São Paulo: Companhia das Letras. 1989.